

Com alta do preço do aço, importação vira opção

Executivos de construtoras do ABC analisam o cenário e apresentam prós e contras da aquisição internacional do insumo

produtividade e perda considerável de materiais ao longo do processo, fica proibitiva essa prática. Outra alternativa é importar o aço já cortado e dobrado, entretanto isso barra em uma série de dificuldades técnicas e de logística", afirma o executivo.

O presidente do SindusCon-SP, Odair Serra, analisa que a cada reajuste do preço do vergalhão nacional, o mercado internacional fica mais atrativo. "Em junho do ano passado, o preço médio do vergalhão de aço no mercado nacional estava 19,77% acima da variação do INCC. Em abril deste ano, o preço médio já estava 34,22% acima do INCC. Sem qualquer justificativa plausível, os aumentos deste e de outros insumos têm motivado o desequilíbrio econômico-financeiro dos contratos", afirma Serra.

O presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), José Carlos Martins, afirma que o aço é muito importante na composição de custo. "O aço é 37% (do aumento do custo) de uma casa e 73% de uma ponte", afirma Martins. "Antes desses aumentos absurdos que passamos de 100%, o aço pesava algo em torno de 3 a 4%. Hoje, chega entre 6 e 8% do custo de uma obra dependendo o tipo de projeto. É muito significativo", afirma Marcus Santaguita da Construtora Jacy.

Neste cenário, a Cooperativa da Construção Civil do Estado de Santa Catarina (CooperconSC), com apoio da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), abriu o terceiro lote de compra de aço turco CA-50. As construtoras interessadas deveriam se manifestar até o dia 17.

Futuro – A alta dos preços dos materiais de construção acaba fazendo com que a "inflação da construção" seja superior à inflação do País, o

que provoca um descolamento entre renda, capacidade de compra e preço do imóvel.

Bigucci Junior acredita que a situação deva se estabilizar um pouco mais até o final do ano. "Podemos dizer que tivemos a 'tempestade perfeita': a pandemia, o fechamento da China novamente com o aumento dos casos de Covid, a guerra na Ucrânia. Tudo reflete na falta de materiais e de componentes e aumento dos custos. O fato é que agora INCC não reflete os aumentos e as perdas já estão acontecendo", afirma Bigucci.

Para Santaguita, o problema é estrutural e não se resolve em curto prazo. "Somos quase que totalmente dependentes do transporte rodoviário. Precisamos encontrar outras alternativas de transporte que não sejam dependentes da indústria do petróleo. Precisamos ter estabilidade econômica para que os fornecedores ampliem de forma sustentável sua capacidade de produção. Enquanto a indústria de matéria-prima para construção não enxergar alguma estabilidade é mais fácil aumentar os preços do que investir em aumento na capacidade fabril. A tendência natural é que as construtoras reduzam drasticamente o volume de lançamentos e com o equilíbrio entre oferta e demanda os preços tendem a se estabilizar", afirma.

O diretor comenta que além do cenário mundial com pandemia e guerra, o cenário nacional reflete na alta dos preços. "Temos a inflação ainda fora de controle, desvalorização do real e pouca opção de fornecedores - no caso do aço, ficamos na mão de 3 ou 4 fornecedores. Temos ainda a instabilidade política por conta de ser um ano de eleições presidenciais, ou seja, são diversos fatores conjugados. Fica muito difícil apontar uma solução viável", analisa.



Marcus Santaguita: proprietário da Construtora Jacy



Milton Bigucci Júnior: presidente da ACIGABC e diretor técnico da MBigucci

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha do ABC - São Bernardo do Campo/SP

Seção: ABC **Página:** 5